CICLO DA VIDA

MUSEU CASA DO PONTAL
ARTE POPULAR BRASILEIRA

Desde a antiguidade até os nossos dias, nascimento, vida, morte e amor são temas centrais nas diferentes culturas, independente das fronteiras sociais, culturais ou geográficas. Em virtude disso, são considerados temas universais. Na arte popular, esses temas dominantes podem ser surpreendidos na representação de eventos, gestos, rotinas e cerimônias do cotidiano, que se repetem a cada nova geração. Assim, a natalidade, a infância, a escolaridade, os sacramentos católicos (batizado, crisma e confissão), a festa íntima, os bailes locais (entre eles, o forró e a festa junina), além do casamento e suas festividades, são percebidos como eventos complementares e sucessivos que, mostrados em conjunto, parecem encerrar uma totalidade.

O ciclo da vida também remete à ideia de circularidade e às concepções de regularidade e repetição. Um ciclo pressupõe que determinados acontecimentos ocorram, de tempos em tempos, seguindo uma dinâmica pré-estabelecida. Olhando a vida humana como um ciclo, pensa-se naquilo que é comum a todos.

Quando enfatizamos a dimensão biológica, resumimos suas etapas em três momentos: nascimento, vida e morte. Ou infância, juventude e velhice. Etapas que marcam o transcurso do tempo vivido. Mas, se apreciarmos com atenção a galeria que trata do ciclo da vida no Museu Casa do Pontal, veremos que as obras ali reunidas falam, sobretudo, da vida que transcorre em sociedade, com suas crenças, seus mitos, suas práticas sociais e rituais. E não numa sociedade qualquer, mas no Brasil. E, mais do que isso, em algumas regiões e épocas particulares desse país gigantesco.

Por outro lado, as obras selecionadas pelo colecionador para traduzir aquilo que é comum a todos falam de experiências específicas e, assim, trazem o ponto de vista de seus criadores, os artistas. São suas experiências e memórias. Falam de costumes e tradições que fazem parte – amplamente – da cultura brasileira, que podemos reconhecer como nossas, mesmo quando não coincidem com nossas experiências pessoais.

ANTÔNIO DE OLIVEIRA E A "ESCADA DA VIDA"

O artista Antônio de Oliveira traz em sua obra memórias da infância e reminiscências do lugar onde nasceu, o sítio da Grota, no município mineiro de Belmiro Braga. Entusiasmado pelo desejo de tornar visível e concreto seu mundo vivido, criou milhares de esculturas em madeira pretendendo imortalizar pessoas que conheceu, diferentes modos de vida, histórias, lendas e hábitos correntes, sobretudo em sua região de origem. Embora suas criações correspondam, a princípio, à sua memória individual, por intermédio dela também entramos em contato com a vida social, as crenças, os costumes gerais do tempo abarcado por suas experiências. É dessa forma que seu olhar alcança dimensão social, pois suas experiências não ocorrem isoladamente, mas são compartilhadas por seus contemporâneos.

Por sua inspiração nascer de sua vivência, ele se caracteriza como um memorialista. Sabemos que a memória é seletiva e articula-se intimamente com a identidade, seja esta individual ou coletiva. Conforme expresso no seu livro O mundo encantado de Antônio de Oliveira – uma narrativa autobiográfica , as histórias contadas correspondem ao desejo de registro do real. Um real ao qual o artista pretende ser fiel e fixar para sempre. Inventariando seu "tempo de vida", cria uma narrativa visual expressiva e conta histórias por meio de imagens. Em seus relatos, as lembranças do sítio da Grota aparecem misturadas às memórias de Belmiro Braga e outras pequenas cidades mineiras do seu entorno, além de Juiz de Fora e do Rio de Janeiro. Sua obra permite-nos lembrar a riqueza presente nas experiências mais comuns, nos muitos fatos que compõem a memória de nossa infância, juventude e maturidade. Nas peculiaridades que caracterizam a vida e a experiência de cada um de nós nas relações que estabelecemos com a família, os amigos ou no trabalho. Também nos oferece a oportunidade de observar as diferenças que marcam cada etapa pela qual se transita ao longo da vida.

Consciente do valor de sua criação, Antônio de Oliveira lutou pelo reconhecimento de seu trabalho. Como artista e intérprete de seu tempo, enfrentou muitas dificuldades. Talvez esse esforço nos faça olhar para sua obra "Escada da Vida" como uma imagem idealizada, cujo primeiro degrau é ocupado por um bebê trazido pela cegonha e o último, por um homem sendo velado no caixão. Nela, o artista revela a ambição de tornar visível, a um único olhar, uma vida toda. Uma vida que tem início com o nascimento, que é tido como um ponto zero, da mesma forma como a morte demarca um fim. Entre esses dois pontos estáveis, uma escada, composta por dois eixos verticais, apresenta no seu ponto mais alto – o ápice da vida social e biológica: o homem respeitado e bem sucedido, que, a partir desse ponto, caminha inevitavelmente para o fim. Embora possamos não concordar com os critérios de sucesso adotados pelo artista, é interessante notar que ele nos apresenta um fim que não amedronta, que, pelo contrário, é visto como natural e humano, da mesma maneira como o início da vida.

Nas páginas 56 e 90 ("Antônio de Oliveira"), página 65 ("criança"), página 67 ("velhice") e página 68 ("ritos de morte") do livro O mundo da arte popular brasileira vamos encontrar imagens e comentários sobre essas obras.

Fonte: Oliveira, Antônio. O mundo encantado de Antônio Oliveira. Rio de Janeiro: MEC/Funarte/INF, 1983.

Atividades sugeridas:

Fases da Vida
Objetivo: Trabalhar e refletir sobre os estereótipos corporais em relação às diferentes idades e fases da vida.
Desenvolvimento da atividade:
Apresente prancha com a obra "Escada da Vida" de Antônio de Oliveira e relembre com os estudantes os versos apresentados na visita teatralizada ao Museu Casa do Pontal que trata sobre este tema:

Toda sina de quem nasce
É que depois de nascer
Não escapa de mamar
Depois de mamar crescer
Depois de crescer brincar
Estudar e aprender
Depois de aprender trabalhar
Depois de trabalhar casar
Casando vai procriar
E de procriar vencer
Depois de vencer madurar
Depois de madurar envelhecer
Envelhecendo vai caducar
Depois de caducar morrer

Versos recriados a partir da "oitava" do cantador cearense Anselmo Vieira de Souza, inspirada em versos de frei Antônio das Chagas, recolhida por Leonardo Mota. Fonte: Cascudo, Luis da Câmara. Vaqueiros e cantadores. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

Em seguida, estimule os alunos a refletirem sobre que diferenças entre as figuras podem ser observadas e as posturas corporais apresentadas para diferenciar as fases da vida. Proponha aos estudantes a escolha individual de uma encenação ou movimento corporal que represente um determinado momento da vida de uma pessoa. Peça para que cada um apresente a postura corporal escolhida para que os demais adivinhem qual momento está sendo representado. Você também pode pedir para cada estudante falar porque escolheu aquela postura determinada. Converse sobre os estereótipos que costumam apresentar avós de cabelos brancos arrumados em coque, avôs encurvados, mães jovens sempre magras, pais de família somente esbeltos etc. Será que sua avó tem cabelo branco e usa coque? Ela anda com dificuldade? Costuma praticar atividades físicas? Como se diverte?
Variações: Peça para seus alunos trazerem fotos de seus familiares ou recortes de imagens de pessoas de várias idades em jornais e peça para que inventem uma sequência do nascimento à morte, com a disposição que considerem mais adequada. Será que a vida tem mesmo este formato de pirâmide? Proponha outros formatos de organizar o fluxo da vida.